

O PAPEL DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA PREPARAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE PARA ESTÁGIO CURRICULAR

Victor Marques ¹
Sandra Ana Bolfe ²

RESUMO

O presente artigo analisa a importância do Programa Residência Pedagógica (PRP) na formação inicial docente, destacando sua influência no estágio curricular obrigatório. O texto apresenta relatos de experiências desenvolvidas a partir da abordagem qualitativa, utilizando relatórios do PRP e dos estágios curriculares e seus diários de classe como instrumentos de análise e percepção como relato de Experiência apoiados pelo método de pesquisa-ação. A imersão das práticas pedagógicas na escola-campo durante o PRP permitiu enfrentar os desafios do ensino e da aprendizagem, compreender as dinâmicas da sala de aula e desenvolver metodologias e práticas pedagógicas inovadoras. Os resultados demonstram que o PRP contribuiu para obter maior segurança e autonomia, possibilitando a experimentação de diferentes metodologias, como uso de ferramentas digitais, atividades lúdicas e abordagens interdisciplinares. Além disso, o artigo discute a importância do letramento geográfico no ensino de Geografia e como a adoção de práticas pedagógicas mais dinâmicas favorece o aprendizado dos estudantes. Concluiu-se que o PRP potencializou a formação inicial docente ao antecipar a vivência de práticas, tornando a transição para o estágio curricular mais fluida e eficaz.

Palavras-chave: Formação Inicial Docente, Residência Pedagógica, Estágio Curricular, Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

O intuito do presente trabalho, é fazer uma reflexão da preparação e formação inicial docente do Programa Residência Pedagógica, PRP, Subárea Geografia, UFSM. Uma vez que observado o papel desempenhado pelo programa elenca que um dos principais objetivos do PRP está na formação inicial de professores, com o trabalho na imersão da realidade escolar dos estudantes de licenciatura articulando sua formação teórica com experiências práticas. O programa é uma iniciativa do governo brasileiro, como política de fomento a formação inicial de professores implementada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes que é uma agência do Ministério da Educação, MEC que concede bolsas e auxílios para a pós-graduação e formação de professores em parceria com as Instituições de

¹ Graduando do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal - UFSM, victor.marques@acad.ufsm.br;

² Professora Adjunta do Departamento de Geociências Curso de Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, sandra.bolfe@ufsm.br;





Ensino Superior, IES e as escolas da rede básica de educação. O programa através de suas experiências práticas e mais intensas, possibilita aos estudantes de licenciatura, enfrentar os desafios reais da sala de aula e aperfeiçoar suas habilidades de ensino, atuando dentro de um contexto propício a pensar o papel do Ser professor, superando barreiras pela construção de competências sobre o ensinar a aprender. A residência pedagógica permitiu ao estudante desenvolver novos métodos e recursos didático-pedagógicos, dada a percepção da necessidade da superação dos atuais desafios herdados do recente cenário pandêmico da COVID-19 que vivenciamos pela contaminação do Coronavírus SARS Cov2. (BOLFE *et al*, “no prelo”)

O fato de anteceder as práticas pedagógicas executadas na escola-campo como bolsista/residente do PRP, constituíram-se em Experiências fundamentais no prosseguimento do Estágio Curricular influenciando positivamente no desempenho da construção didático-pedagógica à formação inicial docente. Ambos são processos que formalizam através de suas práticas a formação inicial, pois capacitam o docente para sua profissionalização e inserção no mundo do trabalho. Inicialmente a escola foi pensada para desenvolver a leitura e a escrita, limitando-se a pensar as necessidades de um específico conteúdo curricular, previamente determinado e setorizado compreendendo diferentes idades e graduações organizada em classes e salas distintas umas das outras.

Ao pensar sobre a importância dos processos do ensinar e aprender do aprender a ensinar, destaca-se o empenho na execução de um projeto para o estágio curricular para desenvolver uma educação baseada no letramento por meio do olhar curioso do estudante, pois é necessário perceber a capacidade da escola em adaptar-se às transformações sociais. Nesse sentido, mesmo que seja em um ambiente conservador ou em um ambiente mais moderno e progressista, os educadores têm uma árdua tarefa de desenvolver reflexões acerca de suas práticas. O que justifica a necessidade deste trabalho para assim qualificar o aprofundamento de uma visão construída através da criticidade e da reflexão do desempenho na atividade docente.

METODOLOGIA

A metodologia que constitui o relato de experiência deste texto é dada pela abordagem qualitativa, com base no estudo dos relatos feitos no relatório do PRP, entregue à Capes, e no relatório do Estágio Curricular, especialmente em diários de classes. A experiência da prática pedagógica permitiu uma compreensão dos fenômenos estudados, por meio de observação e percepção, permitindo identificar os caminhos e tendências dos desafios e das práticas pedagógicas para o ensino de Geografia escolar.





Thiollent (2002, p.14) define que a ~~pesquisa-ação~~ é: “um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação...”, isso porque a pesquisa-ação tem como importante a participação das pessoas atuando nos problemas investigado e toda pesquisa só pode ser chamada de de pesquisa-ação quando houver realmente a ação do sujeito no problema observado, neste caso do estagiário, autor deste texto.

Apesar das limitações, percebeu-se com esta metodologia a importância do PRP como uma política pública que favoreceu a criação de espaços-tempo para superar os entraves educacionais e o aperfeiçoamento das habilidades pedagógicas de futuros professores.

O PRP, no sentido apropriado da “residência pedagógica” e o “estágio curricular” apresentam relatórios como registros das práticas pedagógicas, permitindo para esse artigo apresentar a análise e a percepção da importância do empenho em explorar diferentes recursos didáticos e atividades pedagógicas. Entre elas, uso da ferramenta Google Earth e a metodologia lúdica para elaborar representações bidimensionais do espaço e de maquetes sobre as formas de relevo. Outras metodologias utilizadas contaram com o uso de mapas mentais, relacionado aos conteúdos, os quais colaboraram na construção do raciocínio consciente e crítico.

Outro elemento avaliado através da análise dos relatórios do PRP e Estágio Curricular, são as características de planejamentos das atividades na forma dos planos de ensino e dos planos de aulas. Os resultados compõem materiais e registros de atividades desenvolvidas durante 18 (dezoito) meses do PRP e de 02 (dois) semestres dos Estágios Curriculares no ensino básico, etapas do fundamental e médio. Assim, no total de 30 (trinta) meses de atividades pedagógicas a participação aconteceu desde o planejamento do ensino de geografia, reuniões pedagógicas, conselhos de classes, atividades extracurriculares como etapas essenciais à formação inicial do professor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo das experiências dentro do Programa Residência Pedagógica, PRP e do Estágio Curricular, percebeu-se que existe uma lacuna no que se refere à alfabetização e letramentos dos alunos da rede pública. Essa constatação ocorreu durante as atividades propostas aos estudantes dada a dificuldade em analisar questões e elaborar respostas mesmo com consulta a materiais didáticos. Nesse sentido Soares (2022), explica que o Letramento e Alfabetização são processos distintos e, que embora suas naturezas sejam diferentes, são processos simultâneos e interdependentes. A autora enfatiza que sendo a alfabetização o





processo de domínio da tecnologia da escrita, dotada de um conjunto de técnicas e habilidades é, portanto, a escrita alfabética e suas normas ortográficas e suas habilidades desenvolvidas nos processos de escrita. Logo, o letramento será a capacidade do uso da escrita para interpretar, ler e produzir textos, de maneira a atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, transmitindo seus pensamento e leituras daquilo que foi formulado através de sua experiência e prática, fazendo o uso assim da escrita alfabética.

A ideia de ensino de geografia adotada para a análise ultrapassa aquela ideia antiga voltada à memorização de nomes e localizações, pois trata-se de uma prática que busca experimentar o entendimento crítico das relações espaciais e suas implicações para a sociedade e o meio ambiente. A Geografia deve ser ensinada de modo a possibilitar a compreensão do mundo em sua complexidade, considerando a importância das coordenadas geográficas, a orientação e localização, bem como os movimentos da Terra e suas consequências para a vida no planeta.

Lembrando o resgate que Castellar (2005) faz sobre o debate crítico de Lacoste no final de 1970, que traz para analisar o pensamento geográfico e o ensino. A autora resgata um dos principais questionamentos de Lacoste (1998) em relação à geografia escolar, a qual chamava de “Geografia dos Professores”, referindo-se ao fato da disciplina estar centrada na memória e na informação. A crítica gira em torno da fragmentação curricular e da maneira como essa área do conhecimento foi desenvolvida, onde o mesmo afirma que entre todas as disciplinas, a Geografia é a única que não se entende como aplicação prática fora do ensino, ou seja, o que fazer com o ensino de geografia, para que ele serve? Segundo Castellar (2005), ainda hoje podemos encontrar esta realidade dentro das salas de aulas, justificando a necessidade da investigação aprofundada, o saber-fazer em geografia, sendo assim, a capacidade de aplicação dos saberes geográficos nas atividades escolares, de forma que se dê maior ênfase do papel da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia na formação docente.

O letramento geográfico foi muito debatido ao consultar os planos de aulas do estágio curricular e do PRP. O termo serve para descrever as habilidades em compreender, interpretar e usar as informações referentes à geografia de forma crítica e reflexiva. Envolvendo a habilidade de ler, analisar e interpretar os produtos gráficos da geografia como mapas, gráficos, imagens e outros recursos, como também, o entendimento dos conceitos geográficos, processos espaciais, relações socioambientais e fenômenos globais. Nesse sentido apoiando-se em Para Ries (2018), o letramento vai para além do conceito de decodificação de leitura e decodificação de textos escritos. O surgimento do letramento é tido como a necessidade de se





desenhar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e escrita que rompam as fronteiras sistemáticas do alfabeto e da ortografia. Como processo de ensino, o letramento deve valorizar a bagagem e o conhecimento cultural do estudante levando o desenvolvimento das formulações de hipóteses, respostas e questionamentos e, os saberes produzidos e apresentados pelo estudante.

Para Libâneo (2013) o trabalho docente é uma parte essencial para o processo de formação para viver socialmente sendo assim uma prática que garante a existência das sociedades. Além disso, a prática de estudar não é meramente uma exigência da vida em sociedade, é também provedora de conhecimentos e experiências culturais para os indivíduos tornando-os aptos a representar seu papel na sociedade.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelos quais os membros são preparados para a participação na vida social. A educação, ou seja, a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades. (Libâneo, 2013, p. 14)

Assim, percebeu-se que a prática docente tem como seu principal aliado o Letramento, e no caso da Geografia o Letramento Geográfico. Ele envolve a utilização de habilidades cognitivas e práticas para analisar fenômenos espaciais, compreender a relação entre sociedade e natureza e tomar decisões fundamentadas sobre questões socioambientais e territoriais. No entanto, sua implementação no Ensino Fundamental apresenta desafios que vão desde a ausência de materiais didáticos adequados até lacunas na formação inicial e continuada dos professores. Essa problemática torna urgente a investigação de estratégias pedagógicas que possam efetivamente promover o letramento geográfico, alinhando os conteúdos escolares às vivências e necessidades dos alunos.

Uma das principais barreiras identificadas está na forma tradicional de ensino, muitas vezes focada na memorização de conceitos e conteúdos descontextualizados. Nessa forma de ensino, os estudantes não desenvolvem a habilidade de aplicar os conhecimentos geográficos em situações reais ou de refletir sobre as relações entre os fenômenos naturais e sociais que moldam o espaço. Diagnóstico esse que fortalece a crítica de Lacoste e Castellar sobre a geografia escolar. Assim, surge a necessidade de práticas pedagógicas mais dinâmicas, que integrem teoria e prática e coloquem os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem. Lacoste (1998, apud Castellar 2005).

Milton Santos (2012) evidência através de sua crítica que a geografia desde suas origens foi mais uma ideologia que uma filosofia orientada pelo capitalismo quando sua implementação tinha que ser adequada às necessidades de expansão nos países centrais e na periferia. Milton Santos ainda critica a geografia clássica pelo excessivo foco na descrição de





paisagens e elementos físicos ~~desconsiderando os papéis das relações~~ sociais e dinâmicas de poder, de forma que muitos geógrafos serviram aos interesses coloniais e imperialistas legitimando desigualdades espaciais e econômicas.

Diante da marcha triunfante do imperialismo, os geógrafos dividiram seus pontos de vista. De um lado, aqueles que lutavam pelo advento de um mundo mais justo, onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade: são os casos de Elysée Reclus e Camille Vallaux. [...] De outro lado, aqueles que preconizaram claramente o colonialismo e o império do capital e aqueles, mais numerosos, que se imaginando humanista não chegaram a construir uma ciência geográfica conforme a seus generosos anelos. (Santos, 2012. p.30.)

Contudo, para que o potencial desta discussão sobre a construção de uma nova geografia seja explorado dentro da geografia escolar, deve-se adotar práticas pedagógicas que transcendam a mera memorização de conteúdos e promovam o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e libertadoras. Trabalhar com uma Geografia criativa, crítica e libertadora significa oferecer aos alunos uma educação que os prepare para interpretar o mundo, questionar injustiças e atuar de forma consciente e ética na construção de um futuro mais equitativo. Onde a geografia possa superar a sua preocupação com a discussão em torno da geografia como disciplina, mas sim como objeto, preocupando-se mais em debater o espaço que é o objeto da ciência geográfica. (Castellar, 2015 e Freire, 2014)

A criticidade é outro pilar essencial para uma sala de aula transformadora. Uma Geografia crítica incentiva os alunos a refletirem sobre questões socioambientais e territoriais, como desigualdades espaciais, mudanças climáticas e os impactos das ações humanas no meio ambiente. Ao questionar as dinâmicas de poder que moldam o espaço, os alunos desenvolvem um olhar analítico que os capacita a propor soluções para os problemas que afetam suas comunidades e o mundo. Corroborando com Freire (2014), autor que traz o debate sobre a liberdade mal interpretada onde o educando e o professor devem entender a relação e o papel estabelecidos entre autoritarismo e liberdade, onde um professor relata a Freire que certa vez, em uma situação, seu estudante estava sentado perto da porta se comunicando com outra estudante durante a aula, e que em certo momento percebeu que estava afetando o momento que ocorria em sala de aula, fazendo este professor parasse sua fala. Para este professor surgiu o sentimento de autoritarismo em sua prática. Para Freire (2014), seria isso, um erro, se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto prejudicando o funcionamento da aula. Em um trecho ele explica que aposta na liberdade com entendimento de suas responsabilidades.

Gostaria uma vez mais deixar bem expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões. Foi isso, pelo



menos, o que marcou a experiência de filho de irmão, de aluno, de professor, de marido, de pai e de cidadão.

A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que nem sempre a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação ao amanhã. É indispensável que os pais tomem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã. Freire. P.103. 2014.

A liberdade com responsabilidade deve ser o foco dos educandos. A criatividade, nesse contexto, torna-se fundamental para engajar os estudantes e tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo. Aulas práticas, saídas de campo, investigação sobre a construção das paisagens e territórios para a elaboração de maquetes, o uso de mapas mentais e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, permitem que os estudantes participem ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem estimula a curiosidade e valoriza as experiências pessoais dos estudantes, conectando os conteúdos geográficos ao cotidiano da realidade e promovendo uma aprendizagem profunda e duradoura.

Paulo Freire (2014) faz uma crítica ao ensino bancário em seu livro *Pedagogia do Oprimido* e explica que mesmo estando submetido ao ensino bancário ele não está fadado a terminar em uma educação sujeita a este que deforma a criatividade, mas que cabe ao educando e ao educador dar a volta por cima superando o autoritarismo, não pelo conteúdo que foi transferido, mas sim pelo processo de aprender a fazer esta superação autoritária.

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando, mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de venturar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancoarismo”.

Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. (Freire, 2014, p. 27)

Por fim, a dimensão libertadora da Geografia está diretamente ligada à perspectiva de Paulo Freire, que defende a educação como prática de liberdade. Uma sala de aula libertadora é aquela que valoriza o diálogo, reconhece as vozes dos educandos e os empodera como sujeitos ativos de sua própria aprendizagem. Nesse ambiente, os educandos não apenas absorvem conhecimentos, mas também são instigados a agir, transformando o conhecimento em ferramenta para a emancipação social e para a construção de uma sociedade mais justa.

Portanto, o referencial teórico favoreceu trabalhar com uma Geografia criativa, crítica e libertadora é uma forma de ressignificar o ensino, colocando os educandos no centro do processo educativo. Essa abordagem prepara os estudantes para enfrentarem os desafios do mundo contemporâneo de forma ética, colaborativa e inovadora, reafirmando a Geografia como uma disciplina indispensável para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse momento apresentam-se os relatos de Experiência na participação no Programa Residência pedagógica - PRP, na Escola de Ensino Médio Santa Maria, bairro Santa Marta, cidade de Santa Maria, RS no período de outubro de 2020 a março de 2024, somando o total de 59 (cinquenta e nove) aulas. Durante o PRP foi trabalhado com dois perfis diferentes de estudantes, o primeiro perfil foi estudantes da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, EJA, sendo trabalhado com as Totalidades 3 e 4 (Tot.) de forma conjunta e o segundo perfil com os estudantes da turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

As atividades do PRP colaboraram para o Estágio Curricular realizado no Colégio Estadual Professora Edna May Cardoso, bairro Camobi, com 16 (dezesesseis) aulas no Estágio Curricular do Ensino Fundamental e 15 (quinze) aulas durante o Estágio Curricular do Ensino Médio.

A experiência no PRP, primeiro perfil com a Totalidade 3 e 4 da EJA, Ao desenvolver os trabalhos em sala de aula, percebemos que a sala de aula possuía uma turma diversificada e que ao desenvolver os trabalhos, a diversidade que esta turma possuía tinham que ser trabalhada de forma que, os conteúdos estivessem conectados com suas realidades e os desafios do dia a dia. Muitas vezes as aulas eram antecidas por um breve conversa para ver como estava sendo o estudante afetado pelo seu cotidiano, permitindo assim avaliar o ritmo do desenvolvimento das atividades que eram propostas, onde algumas vezes surgiam desafios e outras vezes havia engajamento de forma satisfatória.

O segundo perfil com o 9º ano do Ensino Fundamental, observou-se que ao iniciar as atividades, muitos estudantes tinham dificuldades em ler mapas e resistência a realizar trabalhos mais lúdicos. Houve uma alteração no plano de aula baseando-se no uso de livro didático escolar e atividades com consulta, assim como tivemos que reforçar o uso da escrita e de exposição para debates em salas de aula. Notou-se ao decorrer do período que as atividades pedagógicas propostas favorecem a interpretação de mapas e atlas geográficos, apesar de algumas dificuldades iniciais, devido às consequências que acentuaram a precarização da educação no ensino antes, durante e após a Pandemia da COVID-19.

O uso de ferramentas como o Google Earth e atividades práticas se mostraram mais dinâmicos a exemplo de recorte e montagem de modelos de relevos, atividades que contribuíram para o aprendizado. Em geral se pode dizer que os resultados obtidos com as turmas foram positivos, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento do letramento geográfico e ao engajamento dos estudantes por meio de atividades lúdicas e interativas. Os



estudantes apresentaram dificuldades iniciais na leitura de conteúdos no quadro, mas avançaram significativamente com o uso de atividades práticas, como mapas conceituais, jogos didáticos e representações geográficas. Esse método proporcionou maior interesse e compreensão dos conceitos sobre o espaço geográfico.

Além disso, o Programa Residência Pedagógica demonstrou sua relevância na formação inicial docente, permitindo vivências dos desafios reais da sala de aula e desenvolvimento de diferentes estratégias pedagógicas que demonstram ser eficazes. Houve também um importante troca de experiências com a equipe escolar, que auxiliou na adaptação das metodologias às necessidades das turmas. Em resumo, a abordagem interativa e contextualizada foi essencial para estimular o interesse dos alunos e aprimorar a prática docente.

Com isso percebemos que os resultados obtidos durante a Residência Pedagógica foram essenciais para formação e capacitação inicial, pois ao realizar os estágios e o desempenho enquanto estagiário demonstraram maior domínio dos conteúdos e segurança para estabelecer conexões com os estudantes em sala de aula.

Os resultados obtidos durante o estágio curricular foram significativos para a compreensão do ensino de Geografia no Ensino Fundamental. A turma demonstrou dificuldades iniciais na leitura de conteúdos teóricos, mas apresentou avanços quando foram utilizadas metodologias interativas, como mapas mentais (Figura 1), atividades lúdicas e ferramentas tecnológicas, incluindo o Google Earth.

Figura 1. Mapa mental, movimentos da Terra



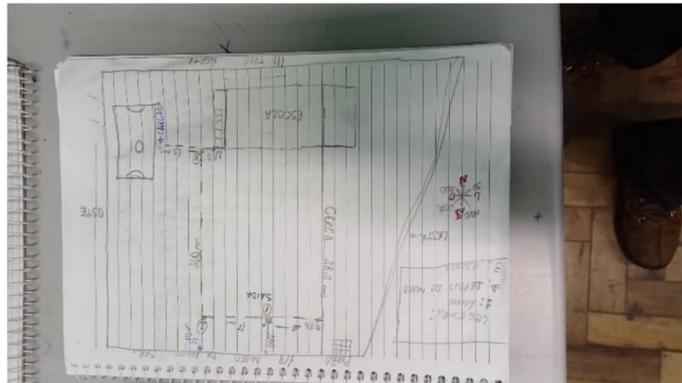
Fonte: MARQUES, Victor.

A parceria com o professor de Educação Física permitiu realizar a atividade multidisciplinar para trabalhar conceitos cartográficos, como escalas e coordenadas geográficas. Os estudantes elaboraram um mapa bidimensional dos espaços da escola para a



atividade do jogo de orientação espacial como pode ser visto na figura 2. O destaque da atividade contribuiu para a socialização e engajamento dos estudantes.

Figura 2. Mapa da escola, orientação espacial



Fonte: MARQUES, Victor

As atividades práticas, como a construção de maquetes e jogos didáticos, foram fundamentais para o aprendizado, permitindo que os estudantes relacionassem os conceitos geográficos ao seu cotidiano. No entanto, desafios como a falta de concentração de alguns alunos e dificuldades na interpretação de mapas foram identificados, exigindo adaptações nas estratégias pedagógicas.

O estágio curricular possibilitou um aprofundamento na prática docente, destacando a importância do planejamento flexível e do letramento geográfico para tornar a Geografia mais acessível e significativa. A experiência reforçou a necessidade de metodologias inovadoras e adaptativas, que valorizem as vivências dos estudantes e promovam um ensino mais dinâmico e eficiente.

A figura 3 mostra duas imagens, de atividades que tiveram como objetivos, desenvolver a abstração de informações com uso de atividades lúdicas, onde os estudantes puderem compreender como funcionam os vulcões caso da figura (a) maquete do vulcão ou então assimilar as informações dos movimentos da Terra no sistema solar (b) afetam nosso cotidiano com as estações do ano, as fases das luas e outros fenômenos.

O estágio curricular ressalta a importância do planejamento pedagógico pensado na adaptação às necessidades dos estudantes. O uso de metodologias ativas e práticas lúdicas tiveram um papel importante para engajar os estudantes e promover o aprendizado, especialmente em um contexto marcado por desigualdades educacionais e pelos resultados da pandemia de COVID-19, Coronavírus SARS Cov2, que geraram imensa lacuna no desenvolvimento educacional dos estudantes.



Figura 3. (a) maquete do vulcão. (b) Maquete do sistema solar .

(a)



Fonte: MARQUES, Victor

(b)



Fonte MARQUES, Victor

Além disso, foi possível observar a importância do vínculo entre professor e estudantes para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. A interação constante e o respeito às experiências dos estudantes favoreceram a criação de um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante, no qual todos se sentiam motivados a participar ativamente das atividades pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Extinto em 2024, o Programa Residência Pedagógica, PRP como uma política pública, demonstrou importante papel na formação inicial docente, oferecendo a imersão prática que antecede o estágio curricular obrigatório, a qual seria importante sua continuidade. Experiências como a deste programa valorizam a formação inicial docente e, por isso, deveria ser repensado pelo governo a sua volta como uma política de valorização dos professores em formação inicial. As experiências adquiridas ao longo do PRP e dos estágios curriculares possibilitaram uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados em sala de aula, além de permitirem a aplicação de metodologias inovadoras para aprimorar o ensino de Geografia. Os resultados evidenciaram que os estudantes apresentavam dificuldades iniciais na leitura de mapas e na interpretação de conteúdos geográficos, o que demandou adaptações no planejamento pedagógico. A implementação de estratégias ativas, como uso de ferramentas tecnológicas, atividades lúdicas e construção de materiais didáticos, contribuíram para um aprendizado mais dinâmico e significativo.

Além disso, a experiência docente reforçou a importância do letramento geográfico como eixo central para o ensino da disciplina de Geografia, possibilitando que os alunos





desenvolvessem um olhar crítico e consciente sobre o espaço geográfico. A necessidade de metodologias mais engajadoras e interativas se mostrou essencial para atender às demandas dos estudantes, tornando o ensino mais inclusivo e eficaz. Portanto, o PRP e o estágio curricular se complementam na formação do futuro professor, permitindo que este desenvolva uma prática pedagógica reflexiva e adaptativa. A continuidade de programas como o PRP é essencial para fortalecer a qualificação dos licenciandos e garantir que a formação docente seja mais sólida, alinhada às demandas contemporâneas do ensino e da aprendizagem em nosso país.

REFERÊNCIAS

BOLFE, Sandra Ana *et al.* **O Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia, UFSM: os desafios da formação de professores durante a pandemia Covid-19.** 2024. (“No prelo”, em fase de pré-publicação).

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar.:** Caderno Cedes, Campinas, n.25, p.209-225, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 48ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

RIES, Zuleika Maria da Silva. O LETRAMENTO GEOGRÁFICO NAS ESCOLAS RURAIS: Uma experiência cartográfica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Flora – Santa Maria, RS. **Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-Graduação em Geografia. Santa Maria: UFSM, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Edusp, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever.** São Paulo: Contexto, 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

